

PARQUE NACIONAL DO SUPERAGUI X PRAIA DESERTA

por Fernando Costa Straube

S P V S / M H N C I

Trabalho com ornitologia no estado do Paraná há nove anos, tendo me dedicado em especial à Floresta Atlântica. Um de meus projetos de pesquisa, desenvolvi entre 1982 e 1985, ou seja, quatro anos, na região de Caiobá, Cabaraquara e Baía de Guaratuba (Município de Matinhos).

Constatedei, através de minhas observações, a destruição dos ambientes litorâneos da região, que ano após ano pareciam reduzir as condições de vida para muitas espécies, em progressão geométrica. Em uma de minhas contribuições ao trabalho preliminar do "BIRD RED DATA BOOK", editado pela International Council for Bird Preservation (ICBP Technical Publication número 8), mencionei uma espécie de jaó (parente próximo dos inambús - *Criptideus noctivagus*) como ocorrente naquela região. Contudo, se hoje algum pesquisador fosse procurar esta raridade em Caiobá, muito provavelmente não a encontraria, pois, segundo minhas estimativas, o jaó-do-litoral extinguiu-se localmente já em 1984.

Tudo isto se deve a um fato: a destruição de habitats muito peculiares, ou seja, com condições únicas para a ocorrência de espécies animais um tanto quanto exigentes. Não acredito que a caça tenha algum significado no desaparecimento desta espécie, e sim o desenvolvimento de áreas para loteamentos marginais ou próximos ao habitat daquele jaó.

Seguindo sugestão da diretoria da S P V S (Sociedade de Pesquisa em Vida Selvagem e Educação Ambiental), estivemos em maio de 1989, na APA de Guaraqueçaba e também na região do Parque Nacional de Superagui e Praia Deserta, a fim de averiguar, sob o ponto de vista da avifauna, a situação e condições ambientais da região.

Nossos resultados, apesar de muito distantes do conhecimento amplo da comunidade avifaunística local, levaram-nos a crer que a área é digna de pertencer ao nosso rol de unidades de conservação. Encontramos ali, várias espécies raras, outras pouco conhecidas, sendo algumas destas, ótimas indicadoras de primitividade florestal. Grande parte da ilha, porém, está alterada, mas as capoeiras e capoeirões existentes mostraram ser também ricas em espécies e propícias à existência de aves não menos interessantes.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL	
data	____/____/____
cod.	____

A opinião da equipe que me acompanhou foi unânime, quanto à Praia Deserta: trata-se de uma formação cujo estado de conservação é único no Estado do Paraná. De todas as regiões litorâneas do Paraná, a Praia Deserta é a única ainda pouco explorada. Temos outros exemplos deste tipo de vegetação, como Pontal do Sul (Paranaguá) e Prainhas (Caiobá), mas todos estes estão muito alterados, principalmente pela exploração imobiliária.

A Praia Deserta é ainda, um ponto único para a permanência temporária de várias aves migratórias, como o macarico *Charadrius semipalmatus*, que pode ser observado às centenas no final do verão, quando preparam-se para a migração em grande escala, para atingir o hemisfério norte. Em outras praias do litoral paranaense, tais agrupamentos de aves migratórias são literalmente impossíveis pela aglomeração humana nos períodos de veraneio.

Fugindo do espectro de aves migratórias, temos um outro exemplo notável para ilustrar a ameaça a aves praias no nosso Estado: o sabiá-da-praia *Mimus gilvus*. Este parente próximo de nossos sabiás comuns, é habitante das restingas e da vegetação ante-dunas, onde se alimenta de pequenos invertebrados. Até há dez anos atrás, esta ave era comumente observada em praias paranaenses, como Prainhas, Pontal do Sul, e até na Praia Mansa de Caiobá. Hoje em dia, porém, foi extinto localmente, e se é que ainda existe no Paraná, isto seria apenas possível na Praia Deserta, pelos motivos que já expusemos.

Estas são apenas as principais considerações que tenho a expor sobre a Praia Deserta, e da necessidade eminente da mesma integrar o Parque Nacional do Superagui.

Ressalto que, na qualidade de cientista que ora me proponho, a racionalidade subjulga meus ideais de conservacionista, e desta forma redigi este parecer, em sua íntegra. Não sou, de forma alguma, contrário ao desenvolvimento de nossos balneários como pólos turísticos, mas sim, à convivência com a degradação inútil de nossos últimos ambientes ainda intactos.